



RELICIA

LEVI SALGADO E SEU CINEMA QUEER: CARACTERIZAÇÃO DOS MASCULINOS EM SUA FILMOGRAFIA¹

LEVI SALGADO'S QUEER MOVIES: CHARACTERIZATION OF THE MASCULINITIES IN HIS FILMOGRAPHY

Leonardo Mercher²

RESUMO

O presente artigo busca resgatar o olhar de gênero de Levi Salgado em sua filmografia, dando ênfase na análise dos masculinos em sua primeira fase criativa, de 1979 a 1986, como nos filmes *Os rapazes das calçadas* e *Punks – os filhos da noite*. A partir das narrativas das personagens e das ambientações aplica-se a análise fílmica da caracterização sobre as interseccionalidades de gênero, seguindo sempre a perspectiva teórica queer. Além da organização da filmografia de Levi Salgado, alguns dos principais resultados obtidos apontam para padrões de caracterização, como o homem cisgênero branco homossexual subversivo e o homem cisgênero branco heterossexual/bissexual enquanto principal objeto de desejo, mesmo que defensor da heteronormatividade. Dessa forma, a filmografia de Levi Salgado traz importante contribuição para compreendermos os masculinos, suas interseccionalidades, seus valores e comportamentos presentes na cultura queer brasileira dos anos 1980.

Palavras-chave: Levi Salgado, gênero, queer, Interseccionalidade, masculino.

ABSTRACT

This paper tries to recover the gender look of Levi Salgado's filmography, emphasizing the analysis of masculinities in his first creative phase, from 1979 to 1986, in movies as *Os rapazes nas calçadas* and *Punks – os filhos da noite*. Starting with the characters' narratives and their settings, the filmic analysis is applied on the characterization and gender intersectionalities, always using the queer theoretical perspective. In addition to the organization of Levi Salgado's filmography, other

¹ Recebido em 07/05/2021. Aprovado em 15/05/2021.

² Universidade Federal do Paraná. leomercher@gmail.com



RELICI

113

research results show some patterns in the characterization processes, such as the subversive homosexual white cisgender man and the heterosexual/bisexual white cisgender man as the main desire object, even if he defends heteronormativity. In this way, Levi Salgado's filmography makes an important contribution to understanding masculinities, their intersectionality, their values and behaviors present in the queer Brazilian culture during the 1980s.

Keywords: Levi Salgado, gender, queer, intersectionality, masculinity.

INTRODUÇÃO

Enquanto pesquisador, em uma visita ao Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC LGBTI+) do Grupo Dignidade – acervo popular da temática LGBTI+ no país – me deparei com a ausência de arquivos e filmes de Levi Salgado. Mesmo que muitos ali o conhecessem e já tenham visto seus filmes, seu acervo e a produção científica sobre sua filmografia estava se perdendo. A partir daquele momento, juntamente com apoio do CEDOC, iniciei o levantamento da obra de Levi Salgado, o reconhecendo como um importante diretor queer, tratando de papéis de gênero, identidades e sexualidades, além de trazer debates sobre classes e violência do meio queer brasileiro nos anos 1980.

Segundo Meyer e Lord (2013, p. 9), o termo queer na história da arte torna-se adequado por “não existir uma única palavra que possa acomodar as diferentes práticas culturais que se opõem à heteronormatividade”. Dessa forma, Levi Salgado, juntamente com Lady Francisco, se colocam como diretores queer no cinema nacional dos anos 1980 – ao valorizarem o desafiar do binarismo, mostrando uma sociedade muito além dos papéis e desejos heteronormativos.

Sobre produzir arte queer (Meyer e Lord, 2013), o presente artigo entende os trabalhos de roteirista e diretor de Levi Salgado em seus filmes que tratam de identidades de gênero para além do binário homem e mulher, questionando a heteronormatividade (comportamento heterossexual) e valorizando narrativas e



RELICI

114

ambientações de culturas tidas como subversivas nos anos 1980 pela sociedade brasileira. O termo inglês queer, extraído em seu significado da interpretação de Judith Butler (2010), hoje já faz parte dos movimentos pela diversidade, representando identidades não-binárias. Se o L (lésbicas), G (gays) e B (bissexuais) representam siglas de sexualidade, o T (transexuais e transgêneros), Q (queer) e I (indefinidos) representam identidades de gênero.

No processo investigativo do estado da arte, encontrei algumas críticas em blogs independentes e um artigo científico sobre os filmes de Levi Salgado. Entretanto, o artigo de autoria de Eugênio Helyantus Stumm e Amadeus de Oliveira Weinmann (2019), ambos acadêmicos da área da Psicologia, trata da leitura da representação psicológica do corpo em um dos filmes de Levi: *Os rapazes das calçadas* (1984), e pouco informa sobre a filmografia de Levi. Isso também ocorria nos demais materiais disponíveis na internet (blogs e críticas fílmicas).

A instabilidade de informações do IMDb (Internet Movie Database), que a cada momento inseria ou retirava autorias de Levi Salgado em filmes listados, bem como ausências de informações importantes por parte da Cinemateca em São Paulo, me deram grande trabalho em identificar toda a sua filmografia e assisti-la. Muitos desses filmes, de difícil disposição, foram retirados de sites de entretenimento adulto e de pornografias, tanto heterossexual como homossexual, em baixa qualidade.

Com a filmografia em mãos, inicia-se a etapa de avaliação de cada filme, desde identificação da sinopse, passando pelos atores e fichas de profissionais. A partir dessa análise foi possível dividir a produção de Levi Salgado (1979-1988) em duas fases. A primeira fase, de 1979 até 1986, é marcada por roteiros originais que tratam diretamente a diversidade sexual e de papéis de gênero, tendo ainda grande presença de Lady Francisco em personagens principais e no apoio à produção,



RELICI

115

como na direção conjunta em *Anjos do Sexo* (1981) e diretora assistente em *Os rapazes das calçadas* (1984), trazendo um outro olhar para as tramas e cenas.

Na segunda fase, de 1986 a 1988, Levi Salgado se dedica a filmes mais sexuais e a reedição de seus filmes da primeira fase com inclusão de cenas sexuais explícitas, com menos diálogos e tensões, atendendo a um nicho de mercado mais heterossexual cisgênero e pornográfico. Como diz Miguel Andrade (2013), em um comentário sobre o filme *Punks – os filhos da noite* (1984), Lady Francisco gravou um filme de distopia e acabou em um filme de sacanagem (*Sexo selvagem dos filhos da noite*, 1987), que nada mais é do que uma reedição do primeiro filme com a inserção de cenas avulsas de sexo explícito.

O masculino também muda nas duas fases. Enquanto na primeira existe uma diversidade de papéis e interseccionalidades, na segunda fase é exposto apenas o homem cisgênero heterossexual com valores de virilidade e conquistador, ativo no sexo. Mesmo assim, em ambas as fases é possível encontrar duas dinâmicas recorrentes: a fotografia homoerótica, dando mais ênfase no corpo masculino do que os demais filmes da época; e a violência sexual entre homens, uma forma de inserir o sexo homossexual em filmes de narrativas heterossexuais. Na violência sexual entre homens, presente em seus filmes, é possível ver diferenças de tratamentos nas duas fases, sendo na primeira em desfechos dramáticos, como em *Anjos do Sexo* (1981) e *O verdadeiro amante sexual* (1986), e na segunda em desfechos cômicos homofóbicos, como em *Rabo quente* (1986).

A partir desse levantamento foi possível selecionar os filmes da primeira fase, justamente por terem o conteúdo transgressor queer e por retratar o lugar do homem cisgênero heterossexual (heteronormativo) nessa cultura. A primeira fase tem maior diversidade de masculinidades e maior interseccionalidades nas personagens, como gays ricos e pobres, jovens e velhos, transexualidade, além de



RELICI

116

diferentes contextos sociais, como machismo e femismo (Yannoulas, Vallejos e Lenarduzzi, 2000), guetos, prostituição, poder e violência urbana.

Para melhor compreensão, o presente artigo divide-se então em três seções após esta introdução, sendo respectivamente: a filmografia de Levi Salgado; apresentação dos masculinos em sua filmografia; e as considerações sobre o trabalho de Levi Salgado na arte queer. Em cada seção é apresentada a metodologia de coleta de informações e de análise. Ao final, após essas três seções, seguem as referências bibliográficas utilizadas para a sua realização. De modo geral, o trabalho se dá de forma qualitativa e interpretativa fílmica, a partir das orientações de caracterização (Mckee, 2017), e sob perspectiva teórica queer, como de Judith Butler (2010), Richard Meyer e Catherine Lord (2013). Eventualmente outros autores serão utilizados para referenciar tempo, conceitos e contexto vinculados à obra de Levi Salgado.

LEVI SALGADO E SUA FILMOGRAFIA

Levi Salgado nasceu no Rio de Janeiro, em 1948, tendo se dedicado ao cinema até sua morte, em 1990, aos 42 anos de idade. Filho da classe média carioca, Levi fez parte da geração que teve que lidar com a ditadura militar brasileira (1964-1985), ao mesmo tempo em que vivia a revolução sexual dos anos 1960 e 1970. Como para muitos atores de seu tempo, Levi Salgado inicia sua carreira no cinema como ator de pontas, participando como figurante ou em poucos diálogos, especialmente nas pornochanchadas dos anos 1970, como em *Os Machões* (Reginaldo Faria, 1972), *A difícil vida fácil* (Alberto Pieralisi, 1972), *Roberta, a gueixa do sexo* (Raffaele Rossi, 1978), *Fim de festa* (Paulo Porto, 1979) e *A morte transparente* (Carlos Hugo Christensen, 1979), esse último também sendo diretor de figurino.



RELICI

117

Figura 1: Osmar de Mattos (esq.), Rejane Medeiros e Levi Salgado (dir.) em premier de *A morte transparente*, 1978



Fonte: MATTOS, 2011.

Seu interesse por detrás das câmeras o levou a experimentar formalmente a direção de seu primeiro filme *O preço do prazer: por onde andam nossos filhos*, em setembro de 1979, estrelado por sua amiga Lady Francisco (Figura 2).

Figura 2: Levi Salgado (esq.), Lady Francisco e Osmar de Mattos (dir.) em jantar na locação de seu primeiro filme *O preço do prazer (onde andam nossos filhos)*, 1979



Fonte: MATTOS, 2011.



RELICI

118

A partir desse momento cria Levi Salgado Produções Cinematográficas que se responsabiliza pela produção e, em muitos momentos, pela distribuição de seus filmes no eixo Rio-São Paulo, em cinemas como o Pathé e o Ritz (Cinemateca Brasileira, 2021) e, eventualmente, em outras capitais. Levi se torna um cineasta do Beco da Fome (Nascimento, 2018), região em Copacabana que reunia bares e restaurantes populares em serviço pela madrugada. Aliás, Copacabana com o seu Beco da Fome e a antiga Galeria Alaska (atualmente Galeria Atlântica), reuniam pessoas de diversas origens e interesses, se tornando importantes redutos da cultura queer carioca, nos anos 1960, 1970 e 1980. Levi Salgado, enquanto presença nesses locais da noite, conseguiu registrar seus frequentadores e se inspirar para criar roteiros de embates entre o amor romântico e a prostituição, o poder e as ruas, o homoerotismo e a homofobia, além da liberdade sexual e a censura moral.

A ditadura militar e sua censura política no Brasil já não estavam tão intensas nos anos 1980, como o fora nos 'anos de chumbo' (1968-1974), mas a censura moral ainda prevalecia sobre o tema da homossexualidade, deixando sua produção às sombras nos guetos queer. Por parte da crítica publicada em jornais não faziam sentido diante de uma obra e de produtores conscientes de seus propósitos em serem populares ou até marginais (Oliveira e Reis Júnior, 2017, p. 23). Já a presença de Lady Francisco nos filmes de Levi talvez diminuísse a pressão da censura governamental e dos atores envolvidos, exatamente pela atriz já ser reconhecida como símbolo sexual de uma cultura heteronormativa, afastando ou camuflando o reconhecimento dos filmes como subversivos (homoafetivos).

Encontrar os filmes de Levi Salgado também foi um outro grande desafio, especialmente por não existir um acervo digitalizado de sua obra. Boa parte de seus filmes foram encontrados em sites de pornografia ou com colecionadores que digitalizaram cópias de um ou outro filme para acervo pessoal. Os últimos filmes,



RELICI

119

com teor mais heterossexual e de sexo explícito foram os mais fáceis de encontrar, enquanto os primeiros, com maior temática queer, tomaram mais tempo. Isso pode demonstrar como a arte queer está mais sensível ao esquecimento.

Quadro 1: Filmografia dirigida por Levi Salgado

| Data de lançamento | Título |
|---------------------------|--|
| 1979, setembro | O preço do prazer (onde andam nossos filhos) |
| 1981, outubro | Anjos do Sexo |
| 1984, fevereiro | Punks – os filhos da noite |
| 1984, novembro | Os rapazes das calçadas |
| 1985, abril | Exercícios eróticos |
| 1985, abril | Bum-bum a coisa erótica |
| 1986, fevereiro | O verdadeiro amante sexual |
| 1986, outubro | Rabo quente |
| 1987, janeiro | Sexo selvagem dos filhos da noite |
| 1987, fevereiro | A galinha do rabo de ouro |
| 1987, março | Os viciosos |
| 1988, dezembro | Cenas Eróticas |

Fonte: Autor, baseado em Miranda (2018).

As datas de lançamento dos filmes (Quadro 1) foram consultadas em diversas fontes que apresentaram informações conflitantes, optando-se então pelo índice cronológico de Luiz Felipe Miranda (2018) sobre lançamentos no cinema nacional. Como já mencionado, ao analisar a filmografia de Levi Salgado (1979-1988), é possível dividir seu período criativo em duas fases.

A primeira fase, de 1979-1986, Levi sempre insere temáticas homoafetivas, secundárias ou principais, nas narrativas das personagens, bem como questões sociais e de valores. Essa fase é possível ver a criatividade de Levi nos roteiros ao tratar de temas queer, reproduzindo suas ideias sem muito constrangimento. Utilizando de cenários da Zona Sul carioca até distopias de mundo pós-apocalítico, Levi busca liberdade para tratar temas como o femismo (estrutura social de poder feminino), conflitos de gênero, classes sociais e a violência urbana. Já na segunda fase, de 1986-1988, Levi diminuiu contextos sociais e concentra no sexo explícito



RELICI

120

heterossexual, talvez uma forma de atender ao mercado da pornografia em ascensão nos anos 1980 (Simões, 2007, p. 185).

Em sua segunda fase Levi lança filmes a partir de colagens de retalhos de filmes anteriores e algumas cenas inéditas, inserindo várias cenas avulsas de sexo explícito, como *Sexo selvagem dos filhos da noite* (colagem de *Punks – os filhos da noite*) e a *Galinha do rabo de ouro* (colagem de *Rabo quente*). Dentre as duas fases existe um período de transição do drama erótico para a pornografia, nos lançamentos dos filmes em 1985 e 1986. Os filmes *Exercícios eróticos* e *Bum-bum a coisa erótica* se voltam para o drama erótico e pornografia heterossexual, enquanto *O verdadeiro amante* sexual pode ser considerado o seu último filme que problematiza a homossexualidade.

Figura 3: Compilado de cartazes dos filmes dirigidos por Levi Salgado



Fonte: Banco de conteúdos culturais da Cinemateca Brasileira, 2021.

Com o dinheiro da bilheteria de circuitos de cinemas, por vezes marginalizados, e da venda de cópias de seus filmes para particulares (vhs), Levi



RELICI

121

conseguia reverter para os custos de produção. A mescla de atores profissionais, como Lady Francisco, e de amadores, como profissionais do sexo da noite carioca, são facilmente percebidas em seus filmes, onde cenas de diálogo de atores são seguidas por cenas avulsas de sexo explícito por desconhecidos. Os espaços de gravação também se limitavam a um ou dois cômodos de uma locação e externas de fácil acesso, como quintais, praias e calçadas. No figurino é provável que muitos atores utilizassem suas próprias roupas, exceto em filmes mais elaborados como *Punks – os filhos da noite*, em que a maquiagem artística e as roupas estilizadas exigiram um investimento maior.

Levi nem sempre era fidedigno aos nomes da equipe em cada função, isso incluindo ele mesmo. Na internet é possível encontrar resultados tanto por 'Levi Salgado' com por 'Levy Salgado', mas em seus filmes ele assina como 'Levi Salgado', sendo a forma correta de seu nome. Em muitos momentos ele se coloca apenas como diretor, mesmo atuando no filme. Em outros, também assume a direção de arte e autoria (roteiro), da mesma forma que o compartilhamento na direção com Lady Francisco só é oficializado em *Anjos do Sexo*, mas sabido que a atriz frequentemente participava nas decisões de cena, como assistente de direção em *Os rapazes das calçadas* e *Punks – os filhos da noite*.

A abertura a Lady Francisco não se limitava apenas à direção, mas também na produção. Levi e Lady eram amigos e em muitos de seus filmes a construção foi conjunta. Pode-se dizer que Lady Francisco tenha sido a musa dos filmes de Levi Salgado. Entretanto, com a presença de Lady aumentando nas telenovelas, provavelmente sua imagem precisou se desvincular do cinema subversivo. Levi também experimentou a televisão, fazendo um fotógrafo no episódio *Os filhos de Maria*, do *Caso Verdade* (Rede Globo, 1983) e uma ponta no sexto episódio da minissérie *A máfia no Brasil* (Rede Globo, 1984).



RELICI

122

Tratando agora das sinopses de seus filmes, iniciemos com o seu primeiro, *O preço do prazer: onde andam nossos filhos*, lançado em setembro de 1979. No filme temos dois jovens, Tânia e Marcos, que buscam casar e se libertar dos valores conservadores de suas famílias encontram no casal mais liberal, formado por Marta (Lady Francisco) e Luiz (Levi Salgado), a liberdade de valores sociais e sexuais. Contudo, essa liberdade leva os dois jovens a terem que lidar com seus próprios preconceitos e a autodestruição física e moral, expondo conflitos entre valores familiares e liberais. Marcos acaba se suicidando e Tânia acaba enlouquecendo.

Nele encontramos homoerotismo e a homossexualidade, mas em um contexto de revolução sexual (transgressão), típica dos anos 1970. O desfecho dramático também expõe como Luiz se utiliza do poder econômico (dono de uma gravadora) para conseguir saciar seus desejos sexuais sobre os mais pobres que buscam uma carreira artística. Essa relação entre poder e sexo também estará presente em muitos de seus filmes, onde o homem heterossexual é subjugado ao sexo de quem detém o poder.

Da mesma forma, em seu segundo filme, *Anjos do Sexo*, lançado em outubro de 1981, o homoerotismo se faz presente em cenas de apreciação do corpo masculino, ainda que a temática predominante seja o sexo heterossexual. A relação de poder e sexualidade permanece. O filme narra as relações entre uma senhora, Lourdes (Lady Francisco), divorciada do Dr. Paulo (Levi Salgado), e de suas duas filhas. As três mulheres moram em uma chácara com o sobrinho Carlos (Carlos Henrique Santos), tratado como empregado. Contudo, se humilhado durante o dia, a noite Carlos passa de subjugado para dominador das mulheres. Nesse filme uma dinâmica marcante de Levi em sua filmografia é utilizada: o abuso sexual do homem por outro homem. Quando Carlos mata a filha da empregada que estaria grávida dele, em uma crise de nervos, acaba por violentar o próprio primo, Paulinho (Marcos Jardim). Paulinho, por sua vez o mata com um troféu. Essa dinâmica de violência



RELICI

123

sexual será utilizada para apresentar o sexo entre homens, mesmo em filmes de narrativas heterossexuais.

No terceiro filme *Punks - os filhos da noite*, lançado em fevereiro de 1984, o femismo (dominação da mulher sobre os demais) é tratado em uma distopia, abrindo espaço para críticas e debates sociais sobre os papéis de gênero entre homens e mulheres. O femismo se coloca como alternativa após o fim da sociedade patriarcal e, para tratar da mulher como detentora do poder e da ordem, Levi divide os sobreviventes humanos em gangues lideradas por mulheres agressivas e competitivas. Essas gangues disputam territórios (remetendo ao filme *The Warriors*, 1979), se encontrando e brigando nas ruas ou em apresentações performáticas em discotecas (Figura 4).

Figura 4: Cenas de conflito de gangues em uma discoteca em *Punks – os filhos da noite*



Fonte: Compilação do autor, 2021.

No filme, o homem cisgênero é subjugado pelo autoritarismo feminino, substituindo o machismo, da mesma forma que homens e mulheres que mantêm relações sexuais fora de seus grupos são punidos com violência. Lady Francisco encana a líder Rainha da gangue Lady's, rivalizando com as gangues Baby's, Drago's, Panteras e Ratos, todas femistas.

Aqui existe espaço para personagens femininas cis heterossexuais fortes, como para a tradicional mulher cis heterossexual em perigo, sendo essa última retratada com desprezo, objeto de violência e morte certa. Já os homens mantêm sua virilidade entre si, mas se subordinam à líder e seus planos políticos e de violência. O homoerotismo mantém presença e a homossexualidade é representada



RELICI

124

subjetivamente pela personagem Paulinho, sempre questionado em seu comportamento, chegando a um momento de ameaça de agressão em que perguntam se ele 'quer mudar de time' após Paulinho pedir para 'pegarem leve' com um traidor (Figura 5). Vale destacar que a mãe de Paulinho é encenada por Claudia Celeste, atriz transexual censurada na televisão brasileira em 1977 (Ferrari, 2020), cuja personagem é alcóolatra e critica as escolhas de vida do filho (Figura 5).

Figura 5: Cenas de Paulinho com a mãe e sofrendo homofobia em *Punks – os filhos da noite*



Fonte: Compilação do autor, 2021.

O próprio Levi Salgado, enquanto ator, aparece como Raposo, um ex-líder de gangue que representa a queda do masculino e do mundo anterior em um diálogo com Rainha, triste por ninguém mais o seguir, diferente das mulheres líderes que mantêm seus seguidores (Figura 6). Raposo informa para Rainha que ninguém foi feito para viver sozinho e o que ela procura é o amor. Os dois se abraçam em suas tristezas e Rainha decide buscar sua felicidade, mesmo que tenha que usar da força de sua gangue.

Figura 6: Levi Salgado em seu personagem Raposo em *Punks – os filhos da noite*



Fonte: Compilação do autor, 2021.

Rainha reconhece que está apaixonada por Gatão (Danton Jardim), o sequestra e o abusa sexualmente até que ele consegue fugir do cativeiro. Ao final do



RELICI

125

filme os dois se reencontram, formam um casal e vão em busca de um mundo onde exista o amor. Alguns anos depois o longa é reeditado e lançado como *Sexo selvagem dos filhos da noite*, cortando alguns diálogos originais e inserindo cenas avulsas de sexo explícito, conhecida como a versão hardcore (pornográfica) do filme.

No quarto filme *Os rapazes das calçadas*, lançado em novembro de 1984, é possível ver a representação de gays, lésbicas, transformistas em cenas comuns do dia a dia, trazendo várias narrativas que debatem sexo, classe social, identidade de gênero, guetos, violência social, transexualidade e o conflito entre amor e sexo. Lady Francisco encena a personagem Luís, que é homem cis homossexual, ou seja, a atriz se traveste de homem ao longo de quase todo filme, mas se despindo como mulher nas cenas finais ao som de *Song for guy* de Elton John (Figura 7).

Figura 7: Lady Francisco encenando a personagem Luís em *Os rapazes das calçadas*



Fonte: Compilação do autor, 2021.

A voz de Luís também é dublada por um homem em todas as cenas, pelo ator André Filho. O fato de uma mulher cis, símbolo sexual heterossexual da época, interpretar um homem, levanta o debate sobre identidades de gênero, da mesma



RELICI

126

forma que essa mesma personagem, quando homossexual cis, levanta o debate da sexualidade da época.

De forma mais clara, *Os rapazes das calçadas* traz para o espectador uma transgressão à época entre papel de gênero e sexualidade em uma única personagem. Se hoje a sigla LGBTI+ tem nas letras L, G e B (lésbicas, gays e bissexuais) referência à sexualidade, e as letras T e I (transexuais, transgêneros e indefinidos) referência à identidade de gênero, nos anos 1970 e 1980, onde nem a antiga sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) era utilizada, o filme de Levi se mostra inovador. Isso ocorre na medida em que o diretor mescla diversas narrativas queer, materializando o início dos debates da terceira onda feminista e dos estudos de gênero dos anos 1980.

Como enredo principal temos Luís que se apaixona por Marcos, um jovem de classe média fora do meio queer. Além do romance, Luís interage com os amigos homossexuais, Jorge (Fernando Reski), Gilberto (Levi Salgado), Pedro e João. Esses, por sua vez, vivem aventuras sexuais, de prostituição, violência e exposição de comportamentos da cultura queer da época. Uma das primeiras cenas é marcada pela violência do Dr. Otávio que é assaltado por um jovem que se passa por homossexual em um banheiro público. Ao pedir ajuda, Dr. Otávio é acudido por uma jovem e finge que se machucou sem querer, ocultando sua vida dupla e reafirmando o comportamento heteronormativo e homofóbico ao masculino da época. Além da violência, que aparece em outras cenas, o filme tenta expor a vida dupla, os preconceitos e a visão pejorativa que a sociedade da época – e os próprios gays – possuíam sobre o comportamento queer.

Nas cenas de sexo predominam as homossexuais, mas também possui algumas heterossexuais. O próprio Levi Salgado aparece em algumas cenas de sexo. Já Luís (Lady Francisco), dada caracterização, tem as cenas insinuantes que são continuadas por outras cenas de sexo explícito de atores. Enquanto Levi



RELICI

127

encarna o sexo casual em sua personagem, Lady Francisco representaria o amor idealizado, onde o sexo é romantizado.

Como já mencionado, os anos de 1985 e 1986 iniciam a transição da primeira para a segunda fase. Os dois filmes lançados em 1985 se afastam da temática queer, ainda que mantenha críticas sociais e dos papéis do feminino, como conflitos de classe social, violência e prostituição. Em seu quinto lançamento, *Exercícios eróticos*, em abril de 1985, existem narrativas de sexo entre casais heterossexuais, bem como conflitos entre as personagens e desfecho dramático, com o enlouquecimento de Marli, a personagem principal.

Marli é uma aspirante a atriz desempregada que é posta para fora da pensão onde mora por falta de pagamento. Marli vai morar com seu namorado e mais um colega, criando atritos na relação do casal. O filme entrelaça narrativas da prostituição feminina e masculina, brigas e violências, assassinato e cenas de sexo, culminando com a crise nervosa de Marli, que vai parar em um hospital em desfecho dramático. Apesar de ainda serem usados ambientes tidos como guetos da noite queer, surge a academia de ginástica que ganhará destaque nos próximos filmes da segunda fase.

Bum-bum a coisa erótica, também lançado em abril de 1985, apresenta a jovem mocinha Tânia, com dificuldades em se enquadrar na vida social dos amigos e que se apaixona por um jovem de classe social diferente. Temos Luís, empresário gay que gosta de ensaboar corpos masculinos. A trama principal é do casal heterossexual, Tânia e Marcos, que acabam brigando entre uma e outra cena de sexo, inclusive uma em que Tânia está com dois homens na cama e diz que não quer mais um relacionamento sério com Marcos. Enquanto isso, ocorre uma outra briga de casal heterossexual (Carlos e Wilma), onde o homem mata a mulher grávida a pauladas para não ter que assumir a paternidade e foge com sua amante de São Paulo. O final, apesar da narrativa dramática anterior, é mais casual,



RELICI

mostrando um dos amigos de Carlos dizendo que ele não vem mais ao encontro dos amigos.

O *Verdadeiro amante sexual*, lançado em fevereiro de 1986, pode ser considerado como o último filme da primeira fase de Levi Salgado. No filme, mulheres carentes da classe média e alta contratam modelos de uma agência para acompanhá-las em serviços sexuais. Ciúmes e intrigas de casais dão a deixa do filme. Vale destacar a presença da personagem homossexual Luís (Levi Salgado) que possui casamento de fachada com Marta (Lady Francisco). Marta demonstra não se agradar com seu relacionamento aberto, onde o marido sai com outros rapazes. Em um momento, Marta realiza um debate moral consigo mesma, decidindo enviar seu filho para casa de parentes distantes, o afastando daquela vida. Marta até tenta fazer sexo com os jovens modelos, mas desiste por necessitar de amor e não apenas sexo mecânico. Mais uma vez a relação amor e sexo é posta por Levi.

No filme, Marcos, um dos novos modelos, é espancado, humilhado e violentado por um segurança a mando de um marido traído. Essa violência leva o jovem rapaz a se enforcar diante da casa de Marta e Luís, encerrando a narrativa de forma dramática. A homossexualidade é inserida tanto nas relações sexuais e de ciúmes entre Luís e Alan (jovem cantor agenciado por Luís), como, mais uma vez, na violação do masculino heterossexual. Essa violência é retratada como ato vergonhoso à vítima (Marcos), um tratamento que mudará nos próximos filmes da segunda fase, onde o humor de Levi, ainda que por vezes homofóbico, irá aumentar.

Rabo quente, lançado em outubro de 1986, é o primeiro filme da segunda fase de Levi Salgado. O filme inicia com jovens rapazes na praia conversando sobre seus desempenhos sexuais com as mulheres, com cortes para cenas de sexo na academia de ginástica. O masculino assume a virilidade idealizada do homem heterossexual cisgênero, malhado, bronzado e que não diz não para convites



RELICI

129

sexuais de mulheres. Esse tema claramente permitiu fotografias homoeróticas, mas o desejo dos rapazes é pelas mulheres.

Novamente a violência sexual ocorre, onde três homens violentam uma mulher e depois violentam o seu namorado. O namorado violentado é ridicularizado pelos violentadores e depois pelos policiais na delegacia, reforçando valores homofóbicos. Ao final, os bandidos são pegos e insinua-se que os policiais irão violentá-los como eles faziam com suas vítimas, em tentativa de alívio cômico, mas reforçando a homofobia e valores heterossexuais da época. Apesar dessa passagem de violação do homem, as cenas que predominam no tempo do filme são as de sexo explícito heterossexual, seguidas das cenas de socialização dos rapazes heteros na praia e academia de ginástica.

Em 1987 são lançados respectivamente os filmes *Sexo Selvagem dos filhos da noite*, em janeiro, *A galinha do rabo de ouro*, em fevereiro, e *Os viciosos*, em março. Os três filmes são colagens de trechos de filmes anteriores com algumas novas inserções, principalmente de cenas explícitas de sexo heterossexual. É possível ver, por exemplo, que *Sexo selvagem dos filhos da noite* é um grande recorte de *Punks os filhos da noite*, mas com cenas novas de sexo que se desvinculam da trama original. Da mesma forma que *Exercícios Eróticos*, *A galinha do rabo de ouro* e *Rabo quente* possuem muitas cenas em comum, como as da praia e da academia de ginástica. Inclusive, em *A galinha do rabo de ouro*, as cenas da discoteca de *Punks os filhos da noite* são aproveitadas. Fica até difícil entender a sequência de acontecimentos, pois cenas de diálogos de diversos filmes se misturam entre uma cena e outra de sexo explícito.

No filme *A galinha do rabo de ouro* existe um pouco mais de diálogos, mostrando um jovem (Fernando) frequentador de praia (mesmas cenas dos outros filmes) viciado em fazer sexo com uma galinha Marilu que é sodomizada entre os jovens. Após várias cenas de sexo explícito, a personagem de Levi Salgado, pai do



RELICI

130

jovem Fernando, recebe os jovens em casa e avisa que matou a galinha para o almoço (Figura 8), deixando todos os demais surpresos. A encenação de zoofilia com uma galinha é lembrada como referência à contracultura de John Waters em *Pink Flamingos* (1972). Essa é talvez a última cena de Levi Salgado atuando antes de falecer em 1990.

Figura 8: Cenas de *A galinha do rabo de ouro*



Fonte: Compilação do autor, 2021.

Seu último filme, *Cenas Eróticas*, lançado em dezembro de 1988, segue o mesmo caminho, se tornando um compilado de materiais e cenas avulsas de sexo explícito para atender ao mercado pornográfico. O filme é apresentado por um ator que apresenta os misteriosos poderes de uma cama erótica que leva todos ao sexo, dando sequência a várias cenas de sexo heterossexual explícito. Entre uma cena e outra, o ator que apresenta a cama faz uma introdução a próxima cena, bem como algumas cenas de diálogos entre rapazes das cenas ocorrem sobre as mulheres. Ao final, em tom jocoso, o ator pergunta ao espectador se gostou do que viu e, caso não tenha gostado, a última cena poderá agradar: sexo oral entre dois homens.

Não é que Levi não tenha cuidado desses seus últimos filmes, mas esses tomam um caminho temático distinto da primeira fase. Talvez a ausência de Lady Francisco também tenha marcado essa mudança, assim como necessidades financeiras podem ter levado Levi a criar filmes baratos a partir de colagens para obter dinheiro de forma rápida.

A AIDS, desde meados dos anos 1980 também modifica o cenário artístico e cultural da comunidade queer. Homens homossexuais e mulheres transexuais são



RELICI

131

estigmatizados pela 'peste gay'. Em 1990 Levi Salgado falece, junto com muitos outros artistas de sua geração. Sua produtora é encerrada. Seus filmes são lançados pela última vez na *Seleção Erótica* de VHS da Omni Vídeo Locação e Comércio LTDA, que os reúne em coletâneas pornográficas para consumo privado. Todavia, seus filmes, especialmente da primeira fase, se mantêm atuais em debates sociais quando olhamos a potencialidade de transgressões de papéis de gênero, identidades e sexualidades de homens e mulheres não-binários.

INTERSECCIONALIDADES DOS MASCULINOS NOS FILMES QUEER DE LEVI SALGADO

Investigar a representação do masculino em uma análise fílmica poderia tomar diversos caminhos. Na verdade, muitos preferem analisar uma única personagem em um filme, com o intuito de aprofundar ideias e interpretações qualitativas. Entretanto, na presente pesquisa, é utilizada uma classificação da repetição fílmica, ou seja, padrões que o diretor e roteirista Levi Salgado apresenta em sua filmografia. A partir do tipo ideal weberiano (Schütz e Silva Júnior, 2018) levanta-se conceitos na literatura especializada sobre o tema investigado (queer) e, em seguida, identificam-se as características das personagens. Essas características são então agrupadas em padrões de comportamento e representação social. Em estudos fílmicos e de literatura esse método também é conhecido como caracterização da personagem (Mckee, 2017), onde esse amontoado de traços introduz, descreve e revela a personagem ao espectador (Souza e Hinke, 2017).

A análise na literatura especializada em sociedade (Butler, 2010), arte e cultura queer (Meyer e Lord, 2013) nos traz os seguintes conceitos investigados nos filmes: I) masculinidade binária e não-binária; II) heteronormatividade; e III) disposição social (classe, raça, idade e sexualidade). Esse modelo de tipificação é



RELICI

aplicado sobre as narrativas masculinas das personagens principais (Quadro 2) dos cinco filmes que trazem a temática queer em suas personagens principais: *O preço do prazer: onde andam nossos filhos*; *Anjos do Sexo*; *Punks – os filhos da noite*; *Os rapazes das calçadas*; e *O verdadeiro amante sexual*.

Quadro 2: Caracterização das masculinidades de Levi Salgado

| Filme | Personagem | Binário | Não-binário | Heteronormatividade | Disposição social |
|----------------------------|------------|-----------------|--|---------------------|----------------------------------|
| O preço do prazer | Marcos | Homem | cisgênero bissexual | Reproduz | Jovem, branco, classe média |
| | Luiz | Homem | cisgênero bissexual | Subversivo | Meia idade, branco, rico |
| Anjos do Sexo | Carlos | Homem | cisgênero heterossexual | Reproduz | Jovem, branco, pobre |
| | Paulinho | Homem | cisgênero homossexual | Reproduz | Jovem, branco, rico |
| Punks – os filhos da noite | Gatão | Homem | cisgênero heterossexual | Reproduz | Meia idade, branco, pobre |
| | Paulinho | Homem | cisgênero homossexual | Reproduz | Jovem, branco, pobre |
| | Raposo | Homem | cisgênero indefinido | Subversivo | Meia idade, branco, pobre |
| Os rapazes das calçadas | Luís | Homem Mulher | cisgênero homossexual; cisgênero indefinido | Subversivo | Meia idade, branco, classe média |
| | Marcos | Homem | Cisgênero homossexual | Reproduz | Jovem, branco, classe média |
| | Gilberto | Homem | Cisgênero homossexual | Subversivo | Meia idade, branco, classe média |
| O verdadeiro amante sexual | Luís | Homem | Cisgênero homossexual | Subversivo | Meia idade, branco, rico |
| | Alan | Homem | Cisgênero homossexual | Subversivo | Jovem, branco, classe média |
| | Marcos | Homem | Cisgênero heterossexual | Reproduz | Jovem, branco, pobre |

Fonte: Autor, 2021.

Vale destacar que o conceito de masculino é derivado dos tradicionais papéis do homem cisgênero ocidental construídos pela educação e socialização do indivíduo com pênis (Welzer-Lang, 2001), ou seja, o masculino não é algo biológico,



RELICI

133

mas sim um conjunto de valores e comportamentos esperados do indivíduo que, historicamente, nascia com pênis. Identificar personagens masculinas significa buscar caracterizações que aproximem a personagem de padrões socialmente masculinos, como nomes, imagem e vestimentas, hábitos e declarações de identidade, como o autorreconhecimento e o reconhecimento pelas demais personagens. Em uma sociedade histórica binária, é fácil identificar o masculino enquanto tudo que não é ou rejeita o feminino e outras variações de valores e identidades.

Em uma leitura queer, que vai além do binarismo, é permitido que o masculino seja fragmentado e múltiplo, desde a escolha tradicional de um ator homem cisgênero para encarná-lo até uma atriz interpretando um homem cisgênero/transgênero homossexual/indefinido (Figura 7). Faz-se a ressalva que masculinidade não é o mesmo que heteronormatividade. Enquanto o primeiro define o homem social, a heteronormatividade define o comportamento heterossexual enquanto normalidade (Méllo, 2012, p. 199), ou seja, papéis masculino e feminino bem definidos para o homem e a mulher, além de uma única relação sexual possível: entre homem e mulher.

Com essa tipificação das principais personagens é possível ver padrões no tratamento do meio queer nos filmes de Levi Salgado. Primeiro é possível ver a repetição de nomes nas personagens principais, como: Luís, homossexual pederasta (atração por mais jovens), quase sempre é representado pelo próprio Levi Salgado; Marcos (objeto de desejo); e Paulinho (homossexual jovem e submisso). A repetição de atores e personagens cria uma familiaridade ao espectador, bem como reforça estereótipos de cada narrativa do masculino. É como se, ao assistir tantos Luís interpretados por Levi Salgado, se torna uma única personagem agindo em diferentes contextos em cada filme.



RELICI

134

Um segundo padrão é a presença de homossexuais mais velhos que conquistam o sexo de jovens homossexuais, heterossexuais ou bissexuais a partir do poder, status social ou dinheiro (pederastia). O sexo se coloca como moeda de troca em quase todos os filmes de Levi, trazendo apenas a visão romântica do sexo com Lady Francisco em *Os rapazes das calçadas*. Se todas as Helenas nas novelas de Manoel Carlos foram interpretadas por mulheres, o mesmo não se pode dizer dos Luís de Levi Salgado. A ruptura na representação do masculino por uma mulher – sua musa, Lady Francisco – torna o filme *Os rapazes das calçadas* uma peça única em sua filmografia e talvez na história do cinema brasileiro.

As interseccionalidades mostram um padrão do homem cisgênero branco, predominantemente homossexual. Pessoas pretas pouco aparecem no filme e não assumem papéis principais. Pretos estão presentes em papéis secundários, como porteiros, seguranças, criminosos, objetos de desejo e garotos de programa. No caso de *Punks, filhos da noite*, existe uma presença maior nas gangues, talvez por Levi trabalhar em uma distopia que o afasta da cena carioca e seus preconceitos estruturais. Não se pode afirmar que o homoerotismo de Levi exclua os pretos, pois existem cenas de sexo e de exposição homoerótica em sua filmografia. Entretanto, os masculinos não ultrapassam a objetificação da pornochanchada. Com isso, pode-se afirmar que o masculino de Levi é branco.

A heteronormatividade molda o comportamento das personagens que a reproduzem ou que a subvertem. Enquanto dimensão de comportamento, a heteronormatividade não é binária, ou seja, é quase que impossível dizer se uma personagem a reproduz ou a subverte em absoluto. Contudo, é possível identificar propostas de comportamento que tendem a reproduzir mais valores heteronormativos do que valores de crítica ou subversão. Por exemplo, nem todas as personagens homossexuais subvertem a heteronormatividade. Personagens como Marcos (*Os rapazes das calçadas*) e Paulinho (*Punks – os filhos da noite*)



RELICI

135

relutam ou se retraem em assumir a sexualidade ou comportamentos de afetividade com outro homem por replicarem valores heteronormativos em suas vidas.

Pode-se dizer que as personagens masculinas de Levi tendem a ser subversivos (entendidos), mas sempre em contraposição a personagens secundários que reproduzem a heteronormatividade, como em ações de violência e humilhação ao diferente, ou então em humor homofóbico. Mas o humor que exalta a própria cultura queer também se mostra presente entre as personagens queer ao longo dos filmes, como “bicha não morre, bicha vira borboleta” (*Os rapazes das calçadas*).

Em relação ao comportamento das personagens homossexuais não podemos ignorar a reprodução de comportamentos homofóbicos e de preconceitos, com relação à idade, classe social, e padrão de beleza. Personagens reforçam a valorização do masculino de comportamento heteronormativo (pouco afetado ou enrustido), jovem e magro. O próprio Levi assume papéis homossexuais de recrutamento sexual, ou seja, do homem que conquista e não é conquistado, que é ativo sexualmente, deixando as personagens passivas a via do humor ou da violência.

A filmografia de Levi, ainda que rompa com alguns valores dominantes em sua sociedade, reproduz valores estruturais de seu tempo. Estereótipos também são reproduzidos, como o passivo sexual ser também passivo nas relações sociais e o homem cisgênero e viril ser o objeto de desejo e subjugar homens homossexuais e mulheres. Contudo, novas possibilidades são experimentadas, como tratar relações românticas e existencialistas.

Os desfechos das narrativas dos grupos de personagens também reproduzem alguns padrões. Apesar de sempre inserir humor em seus filmes, geralmente o desfecho de homossexuais é dramático. Assassinatos, suicídios, surtos psicóticos e término de relacionamentos marcam muitos dos desfechos das



RELICI

136

personagens principais. Todavia, como Levi Salgado preenche vários momentos em seus filmes com humor, o resultado pode não ser tão dramático e mantém os filmes na classificação de pornochanchada. Talvez um dos desfechos de personagem mais marcantes e conhecidos esteja em *Os rapazes das calçadas*, quando Luís (Lady Francisco) se despe e se mostra uma mulher cisgênero, quebrando o binarismo pois não era apenas a atriz que se despia, mas a personagem, dando abertura para debates sobre corpos e identidades.

Dessa forma, ao analisar a caracterização das personagens masculinas percebe-se padrões e rupturas. Os padrões trazem o masculino no homem cisgênero branco jovem e magro, quase sempre homossexual, da classe média e subversivo à heteronormatividade, mesmo que reproduzindo muitos dos preconceitos e homofobia estruturais de seu tempo. O masculino no homem cisgênero heterossexual/bissexual enquanto principal objeto de desejo também é uma constante nos filmes de Levi.

Vale dizer que em muitos momentos Levi reproduz a ideia de que o homem heterossexual, na verdade, é bissexual (disposição freudiana), podendo desejar e ter prazer com outros homens – mas não o faz devido à heteronormatividade. Quando o faz acaba encontrando um dilema moral que o leva à violência ao outro ou a si mesmo, como o suicídio, estupro e assassinato. Dessa forma, a maioria das personagens homossexuais bem resolvidas (entendidos) acabam se tornando subversivos à heteronormatividade.

As rupturas com os valores predominantes da época ocorrem no não-binarismo, mostrando a diversidade de identidades e papéis sociais, com homens e mulheres cisgênero e transexuais coabitando os mesmos espaços. Também demonstra relações homoafetivas enquanto românticas e não apenas vícios ou desvios sexuais. Os masculinos em rupturas perpassam do humor ao drama, da



RELICI

137

sexualidade à crise existencial, da submissão à violência e do homoerotismo à homofobia.

Se os masculinos subversivos estão fartamente presentes em *Os rapazes das calçadas*, é preciso lembrar que em seu primeiro filme *O preço do prazer (onde andam nossos filhos)*, o conflito entre a heteronormatividade (o normal) e a sua subversão (bissexualidade) leva a personagem Marcos ao suicídio por sua luta interna – algo que se repetirá em outros filmes. A passividade sexual também não condiz com a passividade de ação, quando em *Anjos do sexo* Paulinho mata o homem que o violou sexualmente, um tema que retornará em outras roupagens, como por golpe de garoto de programa sexualmente passivo.

Talvez a maior ruptura de valores masculinos heteronormativos dentro dos padrões apresentados por Levi esteja na consciência de que ser diferente pode ser natural, permitido, prazeroso e divertido. Os masculinos subversivos geralmente são representados como personagens seguras de si, sem culpas, apenas vivendo seus desejos. São as masculinidades subordinadas à heteronormatividade que recai o conflito interno que se externaliza no drama. Enquanto a mulher também encarna masculinos e femininos em sua filmografia, ao homem é exposto, em suas diversas facetas não-binárias, novos masculinos que deixam as limitações tradicionais de valores para incluir novas formas de ser, agir e sentir.

CONSIDERAÇÕES QUEER SOBRE A OBRA DE LEVI SALGADO

Analisar uma filmografia de difícil acesso como foi a de Levi Salgado traz um misto de satisfação – em ter conseguido assistir – e ao mesmo tempo uma certa frustração – em saber que o público desses filmes é limitado. Essa limitação, contudo, não é sobre Levi Salgado, mas sobre a própria arte queer. Meyer e Lord (2013, p. 10) colocam o artista queer e sua arte enquanto a melhor fantasia e o pior medo em nossa sociedade. A arte queer nos dá rupturas de padrões e valores, ao



RELICI

138

mesmo tempo em que é julgada e empurrada para guetos. Se o esquecimento pode ser intencional, cabe ao pesquisador revelar o que nessa arte incomoda a sociedade.

Ver o masculino em papéis que não são heteronormativos incomoda. A relação afetiva entre um homem e uma mulher pode ser tanto romântica como pornográfica, mas dificilmente subversiva. Contudo, a relação entre dois homens, mesmo que romântica, pode ser entendida como subversão. Um simples beijo pode ser classificado como pornográfico se não atender expectativas da maioria, especialmente no Brasil dos anos 1980. Levi provavelmente sabia disso e escolheu o caminho da pornochanchada para conseguir tratar temas homoafetivos.

Enquanto o filme *O menino e o vento* (Carlos Hugo Christensen, 1967) consta a primeira temática homoafetiva no cinema brasileiro, onde o afeto e o desejo entre dois homens era subliminar e materializado pelo vento (Dennison, 2020), Levi Salgado optou por expor dilemas e moralidades através da intensidade dos contatos entre os corpos. Vale lembrar que Christensen dirigiu Levi Salgado em *A morte transparente*, interconectando a história do cinema queer. Se Christensen inaugurou esse nicho de produção artística no Brasil, Levi deu, ao seu modo, a continuidade.

Ainda que reproduza preconceitos estruturais de seu tempo, Levi consegue apresentar continuamente o homoerotismo e a homossexualidade em suas diversas facetas. A pluralidade de masculinos que existe em sua filmografia não fica livre de alguns padrões nas personagens principais, como homem branco cisgênero jovial e de classe média. Contudo, é exatamente a relação desse padrão com personagens fora do padrão que tensionam as representações e permitem o questionamento de valores predominantes em sua época, como o binarismo, a heteronormatividade e o sexo enquanto prática natural humana.

Iniciando em embates morais mais dramáticos em seus primeiros filmes, passando por expor comportamentos comuns dos guetos de seu tempo, até chegar



RELICI

139

em pornografias bem-humoradas, Levi Salgado contribui na história do cinema brasileiro com seu olhar queer. Se alguns podem dizer que ‘tirando a parte do sexo explícito alguns filmes têm pontos interessantes’ precisamos lembrar que a arte queer é essencialmente sobre naturalizar os corpos e as práticas humanas, inclusive o sexo. Levi Salgado faz exatamente isso e, dessa forma, podemos considerá-lo um diretor queer que deu vida a diversos masculinos, ao mesmo tempo reproduzindo e rompendo valores heteronormativos e binários de uma sociedade marcada pelo enrijecimento dos papéis sociais.

Precisamos destacar ainda que Levi não fez tudo sozinho. A presença de Lady Francisco e de muitos outros amigos e profissionais deram o tom de sua contribuição à filmografia. Seus filmes não trazem experiências de uma única pessoa, mas de uma comunidade que encontra em sua arte uma ferramenta de comunicação, identificação e ressignificação. Aos futuros espectadores, pesquisadores, artistas e críticos deixo o convite de sensibilizarem o olhar sobre a arte queer, não apenas enquanto experiência estética individual, mas também enquanto vozes conjuntas de resistência em defesa de uma maior diversidade humana.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Miguel. Lady Francisco e os Punks do apocalipse. Resenha publicada em 24/07/2013 em La Dolce Vita. Disponível em <https://cidadaoquem.blogspot.com/2013/07/lady-francisco-e-os-punks-do-apocalipse.html> Acesso em 20/04/2021.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. Cinemateca Brasileira, 2021. Busca por: Levi Salgado, filmografia. Disponível em <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p> Acesso em 28/04/2021.



RELICI

140

DENNISON, Stephanie. Cultura cinematográfica e identidades queer no Brasil contemporâneo. Campinas: Pagu, n. 60, p. 01-26, 2020. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332020000300205&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em 06/05/2021.

FERRARI, Wallacy Cláudia Celeste, a primeira travesti a aparecer em uma novela brasileira. (In) Aventuras na história, Portal UOL. Matéria publicada em 06/12/2020. Disponível em <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/claudia-celeste-primeira-travesti-aparecer-em-uma-novela-brasileira.phtml> Acesso em 05/05/2021.

LACERDA JUNIOR, Luiz Francisco Buarque. Cinema gay brasileiro: políticas de representação e além. 2015. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-Graduação em comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MATTOS, Lígia. Memorial Osmar de Mattos, 2011. Acervo fotográfico digitalizado. Disponível em <http://osmardemattos.blogspot.com/> Acesso em 28/04/2021.

MCKEE, Robert. Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Curitiba: Arte e letra, 2017.

MÉLLO, Ricardo Pimentel. Corpos, heteronormatividade, e performances híbridas. Psicologia & Sociedade, 24, 1, 2012, p. 197-207. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/22.pdf> Acesso em 05/05/2021.

MIRANDA, Luiz Felipe. Lançamento de filmes brasileiros de 1969 a 2016. (In) RAMOS, Fernão Pessoa (org.). Nova história do cinema brasileiro v. 2. São Paulo: SESC, 2018.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho. Erotismo no cinema brasileiro: a pornochanchada em perspectiva histórica. Curitiba: Editora CRV, 2018.

OLIVEIRA, Mailson Vieira; REIS JUNIOR, Antônio. Tabu e tarja: a ação da censura federal à pornochanchada nos anos 1970. Rio de Janeiro: Ars Histórica, n. 14, jan./jun. 2017, p. 17-38. Disponível em



RELICI

141

<file:///C:/Users/92004650/AppData/Local/Temp/Dialnet-TabuETarja-7590612.pdf>

Acesso em 03/05/2021.

SCHÜTZ, Jenerton Arlan; SILVA JÚNIOR, Edinaldo Enoque. O tipo ideal weberiano: presença e representação em obras de Zygmunt Bauman. Revista Espaço Acadêmico, n. 210, nov. 2018, p. 140-150. Disponível em <file:///C:/Users/92004650/AppData/Local/Temp/43965-Texto%20do%20artigo-751375152558-1-10-20181116.pdf> Acesso em 04/5/2021.

SIMÕES, Inimá. Sexo à brasileira. PUC-Rio: ALCEU, v. 8, n. 15, jul./dez. 2007, p.185-195. Disponível em http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu_n15_Simoes.pdf Acesso em 28/04/2021.

SOUZA, Jaqueline; HINKE, Marcos. Caracterização de personagem na prática: casos de estudo. Tertúlia Narrativa, 23/03/2017. Disponível em <https://www.tertulianarrativa.com/post/2017/03/23/caracteriza%C3%A7%C3%A3o-de-personagem-na-pr%C3%A1tica> Acesso em 04/05/2021.

STUMM, Eugênio Helyantus; WEINMANN, Amadeu de Oliveira. O cinema como criador de próteses: uma análise dídica de Os rapazes das calçadas. Salvador: Periódicos, n. 11, v. 1, maio-out. 2019, p. 234-249. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/issue/view/1747/showToc> Acesso em 05/05/2021.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Tradução de Miriam Pillar Grossi. Revista Estudos Feministas, ano 9, 2º semestre 2001, p. 460-482. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635> Acesso em 05/05/2021.

YANNOULAS, Silvia Cristina; VALLEJOS, Adriana Lucila; LENARDUZZI, Zulma Viviana. Feminismo e academia. In. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Tradução de Syomara Deslandes Tindera. v. 81, n. 199, set/dez, 2000. p. 425-451.